

Anexo C – Protocolo da Entrevista à Educadora Cooperante

Ent: Boa tarde educadora (nome)

Suj: Boa tarde.

Há quantos anos exerce a profissão de educadora de infância?

Suj: Há 29 anos.

Ent: Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

Suj: Há 22 anos.

Ent: Tem uma formação em educação artística. O que a levou a optar por essa área?

Suj: Em primeiro lugar, porque gosto muito das artes e porque acredito, também, que através das artes as crianças desenvolvem mais e melhor e de forma muito mais harmoniosa. O ensino é muito mais interessante, torna-se muito mais motivador e estimulante inclusive para nós, educadores, porque na preparação, na programação, na planificação das atividades, acabamos também por puxar um bocadinho pela nossa criatividade, pela nossa imaginação, obriga-nos a pensar como é que vamos fazer as coisas, como é que vamos por as atividades de forma a que as crianças as entendam, portanto, acaba também, por outro lado, embora dê muito trabalho, porque dá sempre muito trabalho, mas acaba por ser muito mais motivador, muito mais estimulante para nós também.

Ent: De que modo a sua formação interferiu na sua carreira profissional?

Suj: A formação académica interfere sempre, de uma forma ou de outra, na nossa vida profissional. A minha formação inicial também foi muito virada para as artes, muito antes de eu tirar a formação artística. Foi muito ligada às artes, com muita música, com muita expressão dramática, com a dança. Portanto, com muito movimento e também com muitas técnicas de plástica, na minha formação inicial. No entanto, muitos anos depois é que eu fiz

um CESE, que era todo ele uma especialização de educação artística. No entanto, a nossa vida pessoal, aquilo que somos também tem a ver e vai interferir na parte profissional, ou seja, as nossas vivências de quando eramos crianças, a nossa educação, o meio onde nascemos e onde fomos criados, a liberdade que tivemos, ou não, de experimentar, de mexer, a própria educação que os nossos pais nos deram. Eu lembro-me, por exemplo dos meus pais levarem-me sempre ao teatro, ao cinema, a ver dança. Eu nasci em África e o povo africano tem uma cultura muito enraizada para a dança, para a música, portanto, eles ouvem música o tempo todo, eles dançam o tempo todo e eu nasci nesse meio. Isso também fez com que eu desenvolvesse todo esse lado, como pessoa. Talvez por isso eu comecei a gostar das artes. Portanto, antes da formação, embora de uma forma diferente, mas já trabalhava as artes, a nível da música, sempre cantei imenso com as crianças, sempre fiz muito a exploração de ritmos, tudo muito ligado à música. E mesmo nas artes plásticas, sempre deixei que as crianças pintassem imenso. Tinha sempre o cuidado, por exemplo, de ter as tintas no cavalete, para que as crianças pudessem pintar. Inclusive, sempre fiz muitas visitas aos museus e às galerias da cidade, para que as crianças pudessem ver formas e técnicas de pintar. Mais tarde, começaram a surgir outras maneiras de abordar as artes. Mais tarde, depois de tirar o tal CESE, comecei a fazer uma abordagem às artes de uma forma diferente. Mas anteriormente já trabalhava por projetos, mas já havia, muito, as artes ligadas. Mas, como disse, também ter a ver com a minha formação inicial. Também foi sempre muito virada para as artes.

Ent: Durante os anos de carreira, trabalhou de acordo com outras abordagens pedagógicas?

Suj: Não, foi sempre ligada às artes.

Ent: Então não poderá responder se, ao longo dos diferentes momentos da sua carreira, encontra diferenças entre as produções artísticas realizadas pelas crianças que exploram a área das artes e as que não exploram?

Suj: Posso explicar. Embora se trabalhasse muito com as artes, a forma como eu trabalhava, houve algumas diferenças, ou seja, nas artes plásticas eles faziam experiências de técnicas, faziam experiências a nível das pinturas. Mas, depois do CESE, as artes começaram a surgir de uma forma diferente, com projetos mais elaborados, mais pensados. As artes começaram-me a aparecer já de uma forma mais pensada, mais consciente. O projeto dos artistas, por

exemplo, já é um projeto mais elaborado, foi todo ele muito pensado. Por onde vamos começar, qual é a direção, o que vamos aproveitar dos artistas plásticos, de uma forma diferente.

Ent: Depois encontrou as tais diferenças das crianças que trabalham as artes e as que não trabalham?

Suj: Sim, trabalhos mais...No projeto dos artistas, para além de outras coisas, eles aprendem sempre as técnicas do artista que nós vamos trabalhar ou dos artistas que vamos trabalhar, como tal, depois eles começam sozinhos a aplicar essas mesmas técnicas. Portanto, agente ensina essas mesmas técnicas e depois começam a surgir trabalhos da sua própria criação, da sua própria imaginação, sem serem dirigidos, utilizando as técnicas, mas com a criatividade própria de cada criança.

Ent: O que é para si Educação pela Arte?

Suj: Educação pela arte é servirmo-nos das artes para passarmos ensinamentos, passarmos cultura. As crianças fazem aprendizagens e desenvolvem-se de uma forma global, porque se nós soubermos trabalhar com as artes, elas têm muita força, não só porque são muito motivadoras, muito estimulantes, mas também porque nelas estão inseridas uma série de aprendizagens, de noções de matemática, noções de ciência. Aborda todas as áreas, mas de uma forma muito criativa, mais estimulante, mais motivadora. As artes levam a uma força interior. Eu acho que abre a mente das crianças, abre o raciocínio, abre a sua capacidade de ver mais além, faz com que elas fiquem mais observadoras, estimula muito mais o lado crítico. Portanto, a mente fica muito mais aberta, não é uma mente quadrada, digamos assim, é uma mente aberta a todos os níveis. Para mim, a educação pela arte é um bocado de tudo isto.

Ent: Considera importante que a arte faça parte do processo educativo das crianças de JI? Porquê?

Suj: Sim, considero muito importante, muito mesmo. Acho que as crianças desenvolvem imenso com este trabalho através das artes.

Ent: Acha que trabalhar as artes interfere na aprendizagem das outras áreas do currículo? Em que sentido?

Suj: Interfere. As artes trabalham imenso o raciocínio matemático. Por exemplo, quando fazemos uma dança de roda, trabalhamos imenso a lateralidade: andar para a esquerda, andar para a direita, andar para a frente, andar para trás. Há uma série de noções matemáticas que são trabalhadas através da dança, para além disso, as crianças estão a vivenciá-las com o seu próprio corpo, nunca mais se vão esquecer destas mesmas noções. Porque segundo os psicólogos, os pedagogos, que dizem que as crianças aprendem todas as noções através do seu próprio corpo, mexendo, fazendo as coisas, e não de uma forma abstrata, portanto, trabalham todas estas noções de uma forma muito concreta. Não estão só a aprender a dançar aquela dança ou aquela coreografia, mas sim, em simultâneo, estão a fazer aprendizagens de matemática. Este é um exemplo. Por exemplo através da música também: contar ritmos, quando brincamos com as partituras e eles têm de seguir essa partitura, começam logo aí a perceber que a leitura se faz da esquerda para a direita, servindo-lhes mais tarde para a aprendizagem da leitura, na escola primária. Todas elas estão inerentes às artes. Através da expressão dramática podem se passar uma série de noções, para além de se trabalhar a expressão corporal, também se podem trabalhar uma série de noções: através do jogo simbólico, através de pequenas peças de movimento que se faz com elas, há tanta coisa.

Ent: A partir de que idades devem as crianças iniciar este processo educativo?

Suj: Desde bebés.

Ent: Desde os seis meses?

Suj: Não! Desde bebés! Eu já não digo antes porque nem todos os pais estão para aí virados, mas, por exemplo, um bebé recém-nascido, porque não pô-lo a ouvir música? Quando está uma música suave, calminha, quando está a ser amamentado, quando estão a mudar a fralda, quando está a adormecer, porque não? Quando o bebé começa a ver, quando começa a fixar o olhar, porque não contar histórias? Com uma imagem bonita, adequada, com uma imagem grande. Ou até, porque não mostrar uma obra de arte a um bebé? Quase todas as obras de arte

podem contar histórias. Até podemos pegar num quadro, figurativo ou não e inventar uma história. Aí, já estamos a estimular a criança à observação, a aprender a olhar para uma obra de arte. Portanto, para mim, as artes podem começar logo desde bebés. A nível profissional, na creche, na sala dos bebés põr as crianças a ouvir música, a mexer nos instrumentos de percussão, a bater palminhas a alguns ritmos, por muito descoordenado que seja, mas que eles se vão habituando, a ouvir músicas mais mexidas e tentar fazer com que eles movimentem o seu próprio corpo através da imitação do adulto. Pode, perfeitamente, começar por aí, não tem problema nenhum, acho que é até muito interessante ver. Eu já vi bebés que mal se punha a música, tinham sido tão estimulados através da dança, de músicas alegres, de música triste, e eles que ainda nem sequer andavam, todos abanavam o corpinho, sentadinhos, abanavam o corpinho, ao som de uma música, assim mais mexida ou mais alegre e isso é bom. Ou então darem atenção a uma música mais suave. Levá-los a prestarem atenção, isso é muito interessante de ver.

Ent: Quer dizer que os bebés da instituição iniciam, desde os seis meses este processo educativo?

Suj: Sim, só têm esse processo educativo.

Ent: Como se processa a adequação das propostas pedagógicas aos vários níveis etários?

Suj: O tema pode ser igual para todos, no entanto, a forma como vamos explorar é que vai ser diferente, porque temos que ter em conta a capacidade de atenção e concentração dos vários níveis etários de cada criança. Vou pegar num exemplo prático, que se calhar é melhor para perceber isto. Vamos imaginar que eu estava na sala dos bebés de seis meses e vamos trabalhar os quadros de um pintor angolano. Então eu vou escolher um quadro e esse quadro que vai ser explorado nas outras salas. Eu pegaria nesse quadro, imagina que o quadro teria uma figura humana, uma negra. Por exemplo, estou a lembrar-me desse pintor que tem retratos de raça negra de algumas tribos, que estão bastante interessantes, não só pela luz que os quadros têm, mas também pela forma como as próprias negras se enfeitam. Então, eu iria mostrar esse quadro a um bebé, iria fazer com que ele olhasse bem para o quadro dizendo que era uma senhora: “ Olha uma senhora, olha a cor da senhora!” (que é preta ou castanha, depende da cor que lá estivesse) “olha o que ela tem no pescoço. Tem uns colares bonitos, já

viste? Cheios de cores. Olha o que ela tem na cabeça! Tem um lenço. Olha o lenço. Estás a ver esta cor? É cor-de-rosa (ou é verde). Olha como ela está. Ela tem as maminhas de fora, como a mamã, estás a ver?” Portanto, esta seria uma forma de explorar um quadro na sala dos bebés. Claro que eu não estou à espera que um bebé me retribua com linguagem, mas ele vai começar a habituar-se a olhar, a observar, a ver as coisas que eu vou fazer. Assim que eu visse que a atenção dela começava a ir para outros lados, eu iria parar, porque se esgotou a sua capacidade de atenção. Numa sala de um ano seria mais ou menos a mesma coisa, só que durante um pouco mais de tempo, mais pormenorizado e por aí a fora, até chegar a uma sala de cinco anos. O mesmo quadro seria mais questionado. Em vez de eu passar tanta informação, se calhar, começaria por fazer perguntas: “ Olhem para este retrato. Vejam lá, o que ela tem na cabeça?”. Aí as crianças iriam responder-me, pois já têm capacidade para falar: “Tem um lenço”. “Então, vamos ver as cores do lenço que a senhora tem. E o que é que ela tem no pescoço? Quem é que me sabe dizer de que são feitos estes colares?” (ninguém saberia) “São missangas!” Até poderia trazer missangas para mostrar às crianças. Depois eles iriam desenhar esse mesmo quadro, de forma idêntica e aí iríamos aplicar a técnica do pintor. Esse trabalho é mais minucioso, tem que se ver partes por partes. Vamos ver de que cor são os olhos da senhora do retrato, ver quais são os desenhos que o lenço tem e vamos desenhar os padrões do lenço, quantos colares ela terá no pescoço? Vamos contar os colares para os desenhar. Qual é a forma das missangas: São redondinhas? São quadradinhas? São grandes? São pequeninas? Estão todas juntas, ou tudo separado? Quer dizer, cada vez mais pormenorizado. Estamos a falar de uma sala dos cinco anos. Numa sala de quatro anos, seria feito um trabalho idêntico. Numa sala de três, se calhar, seria feito um trabalho menos minucioso, ou seja, menos exigente. Podia se um trabalho minucioso em termos de informação, mas um pouco menos exigente.

Ent: Como se realiza a articulação entre as várias áreas de expressão artística? (Expressão Dramática, musical, plástica e dança)

Suj: Para qualquer sala (dos 6 meses aos 5 anos), o processo é o mesmo. Nós educadoras, reunimo-nos e depois de escolher o artista vamos fazer as nossas pesquisas sobre esse mesmo artista: onde nasceu. O artista que vamos trabalhar este ano, não nasceu em Angola, mas passou lá a maior parte da sua vida. Todos os seus quadros são relativos ao trabalho de Angola e do Brasil, pois também passou lá algum tempo. Portanto, fazemos essas pesquisas,

depois dividimos por várias partes, todas as partes são apresentadas através da expressão dramática, porque a expressão dramática tem a tal força de passar a informação de uma forma lúdica e de uma forma simples, sendo que, as crianças conseguem absorver essa informação sem ser, como eu costumo dizer, um texto corrido, onde, a maior parte da informação, provavelmente se iria perder. Assim, através da expressão dramática, através das personagens que nós criamos, através do diálogo entre as várias personagens, fazem com que as informações sejam passadas para as crianças. Depois podemos fazer algumas sessões de expressão dramática com as crianças, no sentido de fazerem aprendizagens. Na dança, trabalhamos as danças tradicionais do país do artista, também passamos informações acerca da música. Eles também aprendem algumas músicas, aprendem a tocar e aprendem algumas canções. Depois, a parte da plástica, que tem a ver com o próprio artista. Portanto, isto acaba por ficar tudo interligado, ou seja, isto é um trabalho de projeto, onde as peças se vão encaixando umas nas outras. Em primeiro, passa-se toda a informação, através da expressão dramática, na expressão dramática aparece logo a música e a dança, desse mesmo país e depois é trabalhada parte por parte com as próprias crianças.

Ent: Quais são os princípios pedagógicos básicos utilizados na abordagem das artes em contexto prático?

Suj: Os princípios básicos são: primeiro é passada toda a informação sobre o artista, através da expressão dramática: do seu país, da gastronomia, da música, da dança. Portanto, é toda a parte da informação. Depois passamos à parte prática, que se poderá adequar mais à música, à expressão dramática ou à dança, levando as crianças a vivenciar. Na dança, por exemplo, estando a trabalhar a Angola, pegamos na música africana. Então, eles veem vídeos sobre música e dança africana então, nas sessões de dança, vão dançar, através da música africana. Depois também aprendem a tocar alguns instrumentos de percussão. Os djambés, por exemplo, o xilofone, que é um dos instrumentos muito utilizado na música africana. Portanto, o princípio é sempre a informação, passando depois para a parte prática e por fim existe uma conclusão final, quando o trabalho acaba, que não é bem uma avaliação, é onde se reúne e se tenta perceber o que as crianças perceberam, que aprendizagens fizeram.

Ent: Qual o processo de trabalho preparatório entre a equipa das educadoras e das auxiliares, no que diz respeito à seleção das temáticas e à preparação das respetivas atividades a desenvolver na sala de atividades?

Suj: Nós temos uma reunião de educadoras, onde se define o pintor que queremos trabalhar, e tudo o que envolve. Depois discute-se como vamos fazer a apresentação de expressão dramática e inventamos diálogos onde constam as principais informações que queremos passar às crianças. Depois, semanalmente, começamos a planificar as atividades. Por onde começamos? O que fazer? Como vamos fazer? Que estratégias vamos utilizar? Depois depende de cada educadora e da sua sala. Cada educadora vai aplicar a melhor estratégia ao seu grupo, de forma a que o resultado final seja idêntico. É claro que não há resultados iguais, depende não só da educadora, como da estratégia que utiliza e da idade de cada grupo de crianças. Então há sempre uma programação, uma planificação e uma execução da atividade, que se faz semanalmente. Nós discutimos as ideias, pesquisamos e executamos. A informação sobre o trabalho que vamos fazer também é passada às auxiliares, diária ou semanalmente, para que percebam o que estamos a fazer. Também explicamos como é o processo, para que elas possam acompanhar esse trabalho.

Ent: Como se realiza o acompanhamento e a avaliação das atividades no domínio da expressão plástica?

Suj: Tem a ver com o processo. Vou pegar no exemplo prático que se passou hoje. Hoje eles pegaram nos padrões das peles dos animais. Tinham fotografias onde tinham um animal africano, por exemplo a girafa, e em baixo tinham uma parte dessa pele. Então, depois de ter havido uma primeira informação, uma primeira abordagem ao grande grupo e a apresentação da atividade: o que iam fazer e porque iam fazer. Depois começa-se a trabalhar de uma forma individual com cada criança. Cada um escolheu o seu animal e por exemplo aquele que escolheu desenhar a pele da girafa. Que cuidados temos que ter? Temos que fazer com que a criança observe bem como é a pele da girafa. Como a pele da girafa não tem formas regulares, nós temos que passar essa informação, para a criança perceber, para a criança se habituar a olhar com olhos de ver. Temos que estimulá-la a olhar de uma forma diferente. Porque, se dermos o desenho e dissermos “Agora vai fazer!” O que é que vai acontecer? Ela vai fazer bolas, que embora possam ser irregulares, não serão as formas irregulares que a pele da girafa

apresenta. Mas se tivermos o cuidado de trabalhar com cada criança e fazer com que ela olhe. “Olha, toma atenção! Olha bem! Estás a ver aqui, a pele dela? Então, eu vou-te ensinar como se faz estas formas irregulares.” E ensina-se a fazer, depois deixa-se que a criança faça. Mas tem que se ensinar, para que ela perceba que há formas diferentes de se fazer as coisas. Portanto, isto faz parte de um processo de aprendizagem. Não se deve dar e deixar a criança fazer como entende, porque aí ela não vai fazer aprendizagens. Ela vai olhar, vai ver de uma determinada forma mas, só vê, vê assim. Há crianças mais observadoras e crianças menos observadoras, portanto, os trabalhos em que queremos obter resultados, como este, que se tem de aproximar, o máximo, daquela pele, mas o principal disto é a aprendizagem que a criança está a fazer neste momento, com este trabalho concreto que falo, é fazer com que ela observe, com que ela desenvolva a sua capacidade de observação, de saber olhar, que desenvolva o seu olhar, muito importante! Portanto, a partir do momento em que trabalhamos este lado dela, ela começa a olhar para as coisas de uma forma diferente, começa a procurar os pormenores. É bom que assim seja. Aqui, não se pode dar a liberdade e dizer “Olha está aqui, agora faz igual.” Não! São crianças pequeninas, mas mesmo que fossem grandes, é bom que ensinemos a observar, que ensinemos a olhar, que ensinemos a fazer. A partir daí, algo vai despertar nela, de certeza absoluta. Os resultados seguintes vão aparecer se uma forma completamente diferente.

Ent: As crianças da creche também vão fazer o papel de embrulho, com as peles dos animais?

Suj: Sim

Ent: Como é que eles fazem?

Suj: Na creche, eles vão fazer a tal observação, mas é claro que os resultados vão ser diferentes, pois existe uma maior descoordenação motora, a nível da motricidade fina, portanto, não se pode pensar que eles vão fazer exatamente igual. Nem pensar, não é? Mas existem estratégias para levar as crianças a fazer, o importante é que elas aprendam a olhar. Depois o resultado final vai ser diferente do resultado de uma sala de cinco anos. Numa sala de cinco anos sou mais exigente com eles, numa sala de quatro também, numa sala de três também. Numa sala de dois, ou de um ano, não! Vai-se trabalhar os tons das cores das peles dos animais, vai-se trabalhar a mistura das cores, para se chegar a determinado resultado, que

também é importante. As crianças de um ano vão trabalhar mais com as mãos do que com o pinceis. Vai-se tentar fazer com que eles mexam na tinta, que é mais importante. Portanto, vão aparecer os mesmos tons, mas vão aparecer resultados diferentes, portanto, as estratégias também têm de ser diferentes, tendo também em conta que a coordenação motora também é diferente. Mas não se deixa de trabalhar o lado da atenção e o lado da observação.

Ent: Como é efetuada a avaliação dessas atividades de expressão plástica?

Suj: Essa avaliação é feita lá mais para a frente. Mas por exemplo agora, pego em todos os trabalhos, antes de realizar os sacos e vou mostrar a cada um, e peço a opinião deles, para saber o que acham e vou reforçar a forma como foi feito, a importância de se observar e de se ver e depois vou começar a colocar questões. Dependendo do que tiver em mãos, assim vão surgindo perguntas, para ver até onde é que as crianças entenderam a mensagem que lhes foi passada, a informação, não é? E a aprendizagem que eles fizeram. Posso perguntar se as formas que eles fizeram são formas regulares, uma vez que eu falei das formas irregulares, posso perguntar se sabem qual é diferença entre as formas regulares e as formas irregulares. Portanto, aqui é um bocado a sistematização das aprendizagens que fizeram através deste trabalho, que *à priori* parece ser uma coisa muito simples, mas não é. Lá está, está aqui a matemática, não é? Ao falar de formas irregulares e das diferenças entre as formas regulares, estamos a falar do círculo, da circunferência, do quadrado, do retângulo, que vamos ter de falar e da diferença das formas regulares que não têm nada a ver com as formas regulares. Portanto, aqui há sempre matemática e esta é uma forma de se voltar a falar nestas noções.

Ent: Em que consiste o Projeto dos Artistas?

Suj: O projeto dos artistas consiste, em primeiro lugar, numa escolha criteriosa de um determinado artista plástico, que tem a ver com a técnica que ele utiliza, que pode ser interessante para ensinar às crianças, pode ter a ver com os temas das suas próprias obras de arte, pode ter a ver com as cores (depende). Mas, normalmente, escolhemos sempre pensando nestas três, ou então reunimos as três coisas: as técnicas, as cores e os temas. Então, a partir daqui escolhemos o artista, ou então escolhemos o artista porque queremos trabalhar um determinado tema, ou escolhemos o artista porque queremos trabalhar uma técnica...Por exemplo, este ano fomos para África porque nunca tínhamos trabalhado o continente africano,

então achámos que era interessante irmos para o continente africano, para passarmos outras informações, ricas em termos de aprendizagens, então fomos à procura de um artista e encontrámos este que era muito interessante, não só pela técnica, mas principalmente pelos temas que apresenta nos seus quadros, e também pelas cores. Tem umas cores lindíssimas, com uma incidência de luz espetacular e os temas, claro.

Ent: Há quanto tempo existe este projeto?

Suj: Este projeto existe há cerca de 15 anos, talvez. Trabalhamos sempre artistas diferentes, todos os anos, com técnicas diferentes, técnicas que se aproximam umas das outras, ou até mesmo iguais.

Ent: Como se processa na prática?

Suj: Este ano não começámos com a escolha de um artista, começámos com a escolha do continente africano, pois nunca tínhamos trabalhado nada em relação a este continente, nem nenhum artista plástico ligado a África. Portanto, a primeira escolha foi porque queríamos ir para África. A partir daqui fomos à procura de um artista, cujas obras estivessem ligadas ao continente africano. Como nasci em Angola, pensei que seria giro irmos para Angola e como todas concordaram, assim o fizemos.

Depois da escolha do artista fazemos a tal pesquisa sobre o seu país (onde viveu ou onde nasceu), a gastronomia, a música, a dança, geografia, os monumentos mais importantes, a fauna, a flora. Depois de fazermos a exploração do país: da sua bandeira, das cidades principais, a sua localização geográfica a nível mundial, depois de trabalharmos um pouco a sua fauna e flora, a sua gastronomia (a música e a dança vai aparecendo, sempre, ao longo do projeto). A última parte é sempre a parte do artista. Depois, voltamos a fazer uma dramatização para todas as crianças, desde a sala dos bebés até à sala dos cinco anos, que vai falar só sobre o artista e vamos apresentar as suas obras de arte. Vamos fazer uma exploração de várias obras de arte. De seguida escolhemos qual é a primeira obra de arte que vamos trabalhar, qual é a seguinte. Aqui também existe uma escolha criteriosa. Para não trabalharmos o mesmo tema em todas as obras, escolhemos vários temas, no sentido de nos dar a oportunidade de falar sobre o que cada quadro nos apresenta, passando informações sobre a representação cultural que se apresenta no quadro. Por exemplo, o tema da obra artista

plástico, que vamos trabalhar é sobre uma tribo, sobre as mulheres mucubais que vivem no sul de Angola e que se enfeitam imenso. Portanto, esta é uma forma de mostrarmos às crianças que existem pessoas que se vestem de maneira diferente, que vivem no mundo de uma forma completamente diferente, que se alimentam de forma diferente, que vivem em casas completamente diferentes das nossas. Portanto, é aqui que se trabalha a tal diferença. As crianças vão crescendo e percebendo que somos todos iguais mas também somos todos diferentes e temos que respeitar estas diferenças. É uma forma de se trabalhar as diferenças e de chamar a atenção. Portanto, depois de se fazer uma abordagem geral e de escolhermos o quadro, este é projetado em cada uma das salas de atividades onde é explorado o tema e a cor. De seguida vamos pensar qual a atividade que vamos fazer com o respetivo quadro, que vai servir de referência para fazer um trabalho com as crianças. Neste momento ainda não temos esse trabalho definido, iremos fazê-lo mais tarde.

Ent: Portanto, esse quadro vai servir para trabalhar para trabalhar as áreas da expressão musical, a dança educativa...

Suj: Sempre... Tudo.

Ent: Depois por fim, a expressão plástica?

Suj: A expressão plástica, sim.

Ent: E na expressão plástica, eles vão reproduzir as obras dos artistas?

Suj: Depende. Tanto podem reproduzir, como podem criar outra situação. Depende do quadro. Por exemplo, um dos quadros deste artista apresenta os negros a cortar a selva, com catanas, sendo tudo muito verde. Podemos pegar na cor que esse quadro apresenta e deslocarmo-nos para uma mata, aqui perto, para que eles desenhem e pintem as árvores que lá se encontram. Podem ainda, olhar para o quadro e tentarem reproduzir, tendo em conta as cores que o artista utiliza, observando o que pintou primeiro, se foram as pessoas e depois a selva, ou se foi ao contrário, depende.

Ent: Quais os resultados obtidos na sua implementação?

Suj: As crianças ficam mais sensíveis. Por exemplo, nas suas pinturas livres, começam a aparecer outro tipo de formas de pintar. Começam a ter a preocupação de fazer as coisas com mais intenção. Já não se pinta só por pintar, ou não se coloca uma cor ao acaso, não! Eles começam a ter a preocupação de começar a pintar de uma forma mais intencional. Ou arranjam um tema, ou aplicam as cores, ou tentam representar a luz que o artista apresenta no quadro. Depende um pouco da forma como a educadora vai explorar o quadro na sua sala. É a tal capacidade que a educadora vai ter que ter, de levar as crianças a observar, a ver com olhos de ver, os pormenores do quadro e a estimular esse lado de observação, das crianças.

Ent: Que estratégias utiliza ao introduzir um método específico de um pintor, sem no entanto, comprometer a criatividade das crianças?

Suj: Todos os grandes mestres tiveram referências, de outros mestres anteriores, depois, todos eles acabaram por encontrar a sua própria forma de expressão. No fundo, é isto que nós fazemos aqui. Eles têm como referência estes pintores, mas depois continuam a ter tintas no cavalete, continuam a ter acesso a folhas grandes, pequenas e médias, continuam a ter acesso aos lápis de cor e às canetas, para poderem fazer as suas próprias obras de arte. No entanto, ficaram a conhecer mais uma técnica de um pintor, com as suas cores e a forma como se pode pintar. Depois, sozinhos, eles encontram a sua forma de expressão, porque eles têm essa liberdade de escolha. Depois de aprenderem, não são condicionados. Ninguém lhes vai dizer “Vocês não podem pintar como querem!” Existe um período em que eles pintam como o pintor, no decorrer da atividade, mas depois existe o outro período, em que eles têm a sua própria liberdade.

Ent: Encontra diferenças nos trabalhos realizados pelas crianças, depois de trabalhar um artista plástico?

Suj: Encontro. Ao observarem os quadros, as crianças alimentam a mente, através das referências dos pintores. Por vezes, nas suas produções livres, eles dizem “Estou a pintar como o Matisse”, ou “Estou a pintar como o Miró, o Miró também fazia isto”. As crianças apreendem as técnicas, as cores ou os temas e depois arranjam as suas formas de expressão.

Ent: A educação artística desenvolve as aptidões artísticas das crianças?

Suj: Desenvolve as aptidões artísticas, mas atenção! É um erro pretender que as crianças sejam todas artistas. Não é esse o objetivo de se trabalhar através das artes. O objetivo de se trabalhar através das artes é desenvolver a criança, de uma forma global, promover a abertura da sua mente. O que pode acontecer é, existirem crianças com essas capacidades artísticas intrínsecas, e nessas crianças, é claro que vai desenvolver, se continuarem a ter a possibilidade de pintar, de ouvir música, de dançar... Um dia, quem sabe, poderão surgir artistas no meio deste grupo. Podem surgir artistas famosos na música, na dança, na expressão dramática ou na pintura, quem sabe? Isso seria quase um estudo longitudinal para saber até onde elas iam.

Ent: Eu coloquei-lhe esta questão porque, foi precisamente a observação dos trabalhos das crianças, que me levaram a optar por este tema. Os seus trabalhos apresentavam características distintas de outros trabalhos que observei anteriormente, tendo concluído que as aptidões artísticas destas crianças eram desenvolvidas...

Suj: Sim, claro que desenvolvem. Existem crianças mais minuciosas nos seus trabalhos, com um gosto e uma sensibilidade para esta área, mas isso também tem a ver com a educação. Quando chega aqui, a criança já trás algo do seu meio, da sua família. Aqui, a família também tem um papel importante, de deixar que elas pintem, de promover a música, de dançar com elas. Existem muitas famílias que proporcionam este tipo de atividades, mas também existem outras, onde este trabalho é nulo. Ninguém ouve música, ninguém conta histórias, ninguém deixa pintar porque sujam, portanto, existem crianças que não têm um espaço em casa, onde possam fazer estas experiencias. As únicas experiencias que fazem é aqui, no jardim de infância. Por outro lado, existem aquelas crianças, a quem os pais valorizam, e então dão-lhes folhas, canetas, lápis, tintas, barro, para que elas continuem a desenvolver o seu lado artístico. Tudo depende das famílias.

Ent: Qual é a sua avaliação geral do projeto e quais os pontos que mais se destacam?

Suj: Existe uma coisa interessante de se ver que é: Todos os anos, no final de cada ano letivo, as crianças fazem uma festa, que nós chamamos a festa dos finalistas, que é preparada pelas

crianças e pelas educadoras. Essa festa consiste, sempre, numa parte de expressão dramática e numa parte de dança e o mais engraçado de se ver é que as crianças têm capacidade de fazer coreografias para essa mesma festa. Um dos pontos fortes, na dança. Na dança, ao colocar uma música, elas conseguem perceber, imediatamente, a estrutura dessa música e criam movimentos, para cada parte dessa música e criam coreografias, sozinhas. Ora, eu penso que não seria possível que isto acontecesse, se elas não tivessem estes anos todos (para trás) de dança, de ouvir muita música... Portanto, foram hábitos que se foram criando, que se foram desenvolvendo dentro delas. Por isso, elas chegam ao final da sala dos cinco anos e conseguem fazer isto. Conseguem ouvir uma música e perceber as várias partes que a constitui, criando coreografias. Para mim, este é um dos pontos mais fortes. O outro ponto, tal como referiu, que percebe que as produções das crianças são diferentes. Ora, os seus desenhos e pinturas não seriam diferentes se, também, não houvesse um outro trabalho efetuado anteriormente, isto não aparece num estalar de dedos. Isto é um processo contínuo e longitudinal, que começa numa sala dos bebés e, para nós, acaba aqui, no final do ano, quando as crianças vão para o primeiro ciclo. Depois, é claro, que se aparecesse uma professora, no primeiro ciclo, que desse continuidade, seria excelente, se não, vai morrer por aí, o que me dá muita pena. A nível da música, no final dos cinco anos eles conseguem tocar e bater ritmos certinhos nos instrumentos de percussão. Isto também não aconteceria se eles não tivessem acesso a tocarem nestes instrumentos, ao longo de todos estes anos, que começa na sala dos bebés, com a experimentação. Ninguém vai dizer a um bebé de oito meses, que mal se senta, para tocar um ritmo certo, mas dá-se uma baqueta e um xilofone e ele vai tocando para lá. Vai experimentando e vai desenvolvendo esse lado. Quando chega aos cinco anos já lhe é exigido que toque de uma forma mais sistemática e muito mais organizada. Tendo tocado antes, ele irá aprender a tocar de forma mais rápida e mais precisa. Portanto, eu penso que estes são os pontos fortes a todos os níveis. É eles chegarem ao final da sala dos cinco anos e conseguirem fazer, não só, nas artes plásticas um trabalho completamente diferente das outras crianças que não tiveram acesso a estes projetos, chegar à parte da dança e fazerem as suas próprias coreografias e os seus próprios movimentos, chegarem ao final dos cinco anos e tocarem instrumentos de percussão de uma forma certa e ritmada. Penso que seja isso, não sei. Eu, pelo menos vejo estes aspetos como uma avaliação geral e como pontos fortes, ao conseguirem chegar ao final e terem estas capacidades desenvolvidas. Outra coisa que eles mostram, também, é uma capacidade crítica muito desenvolvida. Eles conseguem criticar este ou aquele trabalho de uma forma muito inteligente, com um espírito muito crítico. “Vou por

aqui porque eu acho que fica melhor”, “olha, o do meu amigo não está muito bem. Acho que ele podia ter feito assim, ou podia ter feito assado”. Eles conseguem fazer isto.

Ent: E nota-se que eles gostam muito de participar...

Suj: Gostam. É a tal força que as artes têm de ser muito motivadoras e muito estimulantes. Porque é! Não só através do movimento com a dança e com a expressão dramática ou com a brincadeira. O jogo simbólico é inerente a qualquer criança. Qual é a criança que não gosta de brincar? Ora, a expressão dramática leva as crianças à brincadeira e através dela, vão fazendo aprendizagens, por isso eles gostam de participar. É a tal força que as artes têm de um ensino motivador e estimulante.

Ent: A entrevista está terminada, mas já agora gostaria de falar um pouco sobre estes trabalhos, que se inserem no projeto Matisse, não é?

Suj: Sim. Este era um quadro de Matisse, que foi explorado e aproveitado para trabalhar as simetrias. Então, reproduzimos apenas metade do quadro, que foi colado numa folha e as crianças tinham que o completar, desenhando o outro lado do rosto. Isto fez com que eles desenvolvessem o lado de observação, ou seja, eles tinham que olhar para o lado esquerdo da figura e fazer, o mais aproximado, do lado direito.

Este era a Torre Eiffel. Eles tinham duas fotografias da Torre Eiffel: uma durante a noite e outra durante o dia. Durante a noite era escura e tinha as luzes, durante o dia incidia o sol. Eles escolhiam se queriam fazer a Torre Eiffel durante a noite ou durante o dia. Foi, uma forma, também, de trabalharmos a noite e o dia. Esta criança escolheu fazer a Torre Eiffel durante o dia. Durante o dia, eles pintaram as folhas de amarelo, o que significava que era dia e havia bastante sol. Depois, existia um modelo da Torre Eiffel fixada num placar, tinham ainda, várias tiras retangulares e semicírculos, em folha de jornal. Nós incentivávamos a criança a observar a Torre Eiffel, ao mesmo tempo que levantávamos algumas questões “olha aqui, que forma é esta?”. Eles diziam, por exemplo “É um semicírculo.” “Então, vão escolher onde está o semicírculo no jornal e vão colar”. Eles foram observando e construindo a sua própria Torre Eiffel. Este quadro também é de Matisse. Este trabalho consistiu na construção de um puzzle. Para tal, eles tinham o quadro e as diversas partes do corpo humano, todas cortadas (pernas, cabeça e braços). Depois, de acordo com o quadro que observaram, tinham

que montar o seu próprio quadro. Este quadro representa o Palácio de Versailles, que tinha uns jardins lindíssimos, muito geométricos e com muitas cores. O palácio foi-lhes apresentado, essencialmente para que observassem as cores do jardim. Foi-lhes dado cartão canelado que eles iam molhando na tinta e assim foram construindo os jardins. Na parte de cima do desenho podemos observar o Palácio de Versailles, com as suas janelas. Incentivámos as crianças a observar o número de janelas do palácio, se era grande ou pequeno, enquanto eles iam desenhando. Portanto, vou fazendo perguntas e eles vão respondendo. Se a resposta não for a mais correta, incentivo-os a olhar de novo. É a tal forma de trabalhar o olhar.